

DEDICATÓRIA

Cora, minha filha amada,
acho bem difícil que o mundo melhore.
Dedico a ti a poesia como a infinitude
do que se pode diante dele mesmo assim!

UM NÃOPOEMA E UMA CONSTATAÇÃO

Não é sonho.

É insônia!

Tristeza. Crise de choro.

Tenho me sentido solitária e desanimada.

Sinto que me arrasto de exaustão até mesmo para cuidar da Cora. Sinto muita culpa por isso. Minha filha tem me visto chorando. Tem sido recorrente.

Fico procurando meios de elaborar as amarguras,
a revolta.

Sinto vontade de dormir horas e horas. Mas, quando isso acontece, não acordo revigorada nem cheia de saudade.

Sobra pouco tempo e falta silêncio na casa para que eu consiga me reencontrar.

As solicitações são muitas e acontecem o tempo todo.

Eu me conheço: quando me sinto assim, um robô me assume para que eu possa dormir por dentro.

E acontecem as piores merdas!

POEMA COLAPSO I

Corte:

2 tomates

1 chuchu

2 cenouras

1 molho

arroz do pacote pequeno

feijão não é todo dia

½ quilo de acém moído

dividido em três pacotes

Cozinha o macarrão sem óleo

Serve o almoço às quinze

Responde às mensagens

do trabalho, das cobranças,

dos amigos vivos

contando dos amigos mortos

Deixa a comida intocada

Oferta à criança seu riso

Ela precisa de nutrição

Vai dando a ela a alegria que você não sente

Colheradas homeopáticas revezadas

Cada um da casa arqueia a boca uma vez no dia

Ouve a música do grupo que perdeu um

Assiste ao filme do ator intubado sem chance

Na rua, gritos de revolta

com tudo

Menos com o que você enxerga
Liga a TV e vê que o moço que chorou,
anunciando mais de 300 mil,
volta contando o número de gols
de partidas que não deveriam estar acontecendo.

POEMA INSÔNIA

Há dois dias, os olhos baixavam
Mas a consciência clamava
Queria, concreta, massuda
Pesar

Doía a alma do que de antes
As costas do que de fora
A solidão dos acompanhamentos
Dos dias que cruzam limites
E adentram as noites
Com suas agitações de buzinas

O respiro do companheiro
Escorria silencioso no tempo
Estacionado sob as pás do ventilador analógico
Estático, sem função de vento
Enguiçado no passado projetado no meu teto
Des-beijos, a-braços, des-feitos, a-fetos

Pernilongos desfiavam uma prece infinita
Palavrinhas semitonais fininhas
Delírios de morte, de volta, de-pressa
Interrompidos pelo despertador esganiçado
Que, doido pra intromissão,
Avisa que devo me levantar

Há dois dias!
O agudo da chaleira emenda
Arrasta o atraso do recusado dos passos
Sobe às narinas a fumaça de mais um tentar
Opções só faltam: sem sonho.

POEMA NÚMERO 337 MIL DEFUNTOS

Quando entendi o que era morrer pela primeira vez:

oito e oitenta e dois em oito de abril
três velas no bolo
faltou fôlego para duas delas
o pai falou “U T I” pra mãe
o biso sumiu da cadeira
as meias eram azul-marinho
daquelas de usar com terno
Toquei

o gelado do dedo dele
grudou dentro da minha barriga
passei meses sem dormir
medo dele retribuir a relada
me disseram que morrer era viver em outro lugar
vai que voltava

Quando entendi o que era morrer pela segunda vez:

ouvi a palavra “putrefação”
sentei-me com a Mirador no colo
havia fotos
pseudo-caveiras de filmes de terror com olhos
esbugalhados
primeiro perdemos as pálpebras?

Imagina o estado do corpo sem vida
lá dentro do buraco de concreto
pânico!

anotei a idade de todos os que amava
tracei estimativa de quanto poderiam adiar o cabo da
boa esperança
somando à idade de cada um
cem anos
razoável!

**Quando tomei liberdade
com a morte (ou terceira vez):**

materializei sua figura em meus pensamentos
convite à traiçoeira necessária
a avó amada sofria
gemia e chorava
eu não tinha mais força nos braços
para devolvê-la à cama alta

foi de mansinho
as duas partiram
a essa altura, o corpo decomposto era alívio

permitir a despedida
fiz de mim traidora?

**Quando a morte fez de corpos vivos
337 mil defuntos em um ano:**

convocada pelo presidente,
soprou fininho pra dentro de nossos orifícios

que a roleta é russa
e sabemos
com distinção de classe

tapou narizes e pulmões e rins
o cu não, prossegue cagando de medo
quedando indivíduos de dedos gelados vãos
nos quais não se põem meias

escorre o chorume impregnando
a língua que bebe da água
que deixa morto também quem vive
sem presença
sem tempo do triste por cada
sem sangue
sem ar

(antes que o biso findasse, havia balão de oxigênio!)
alguém guardará de não esquecer os nomes?

**POEMA NÚMERO TANTO FAZ ONDE BATE
O PONTO DO RELÓGIO EM HOME OFFICE**

Quando eu tinha trabalhos,
eu tinha tempos?

De acordar, trocar, deixar
Do chegar, falar, ouvir
Despedir

Quando eu tenho emprego
os minutos me devoraram
Mastigados entre os dentes
da engrenagem do relógio
que nos colocou em dentro:

verbos

Des pe dir
Ou vir
Fa lar
Che gar
Dei xar
Tro car
A cor dar

Tudo quebrado
Contratempo
girando no ponteiro
do

(r) es tou

POEMA COLAPSO II OU COVA CAVIDADE

No quadringentésimo
vigésimo
primeiro
dia da pandemia
a dor se enrolou na língua longa
que reveza o constrictivo semi-morto
com o tri-pidar vibrante do r

Me

Trrra

Lhando

Sem esperança

Mais um

Desesperança

Menos um

M bilabial: silêncio

A língua desce

Se acomoda em sua cova cavidade

**POEMA PUTO, QUE NÃO PARIDO
(SUGESTÃO DE REFORMULAÇÃO DA
EXPRESSÃO MISÓGINA “PUTA QUE PARIU”)**

Sobre si não respingou
O sangue vigoroso da vida

Impotência

Não lhe foi dado
(ao modelar do barro)
O suspirar soprado da vida
Cuspe de saliva humana

Não se abriu a si a anca
Braços entrelaçados
Berço da criança amada

Será que amado foi?

Não! Não é!

Puto que não parido
Fosse
Se pudesse
Homem
Filho da mãe terra
Não

Boqueja mortes
Desfere golpes
De Língua analfabeta à parca
Que não consola nem lambe feridas

Tem ponta de corte
A lhe arregaçar a insegurança
Do (c)anal aberto
Que todos ve-em

POEMA KATHLEN

senti falta da ponta dos dedos das mãos
retrocedi no percurso, ainda agachada
pista dos riscos vermelhos de esmalte
acompanhavam o rastro aromático do pinho sol
que apliquei com uma camiseta de chão
sobrepondo-se aos passos de terra
da minha criança pequena
requerente da atenção dos olhos que não a miraram
mas ofertaram bolachas com a boca
enquanto os ouvidos flagraram a afirmação que saiu
de dentro da televisão
“UMA MOÇA NEGRA, BARRIGA DE FILHO,
MORTA DE FUZIL”

disfarcei a violência

apertei o botão do controle com o cotoco
as digitais que ele continha dispararam o volume
das múltiplas culpas consumidoras:
eu tinha ou não as unhas enfiadas naquela carne?

sobre a pia da cozinha o meu enjojo
tem gente se alimentando das próprias cutículas
eu mesma comi as minhas
de ansiedade e medo

as falanges, que procuro, não

dentro da máquina de lavar, algumas
-não minhas-
das escravizadas costureiras contemporâneas

nas teclas do notebook, farelos de pele e desgaste

pedaços
horas corridas de sono não dormido
e números:

480 mil

no que sobra dos dedos, inquietude
fricção de sobe e desce
frenética
no couro cabeludo
e no jeans que cobre as coxas

cavucando

incessante trabalho de não me anestesiar

quero sentir a dor das mortes
ou quero superar, com a minha dor de carne,
o pavor instalado na alma
ou quero me esfregar para me sentir viva

foram os dedos

numa pandemia,
no neoliberalismo,

necropolítica

tudo custa-

**POEMA NÚMERO “BOAS NOTÍCIAS”
DO MÊS QUATRO DE VINTE E DOIS**

“Aumento de internações por
síndrome respiratória grave”

“Aumento do número de resultados
positivos em testes para covid”

Não sabemos bem ao certo ainda

Noticia assim

Melhor não

Alarmar a população

Sem motivo [?]

Deixa no jornal

Antes do anúncio do aumento do combustível

**POEMA NÚMERO TRÊS
GUARDAS RODOVIÁRIOS E O INALIENÁVEL
DIREITO DE RESPIRAR NEGADO OU
APENAS GENIVALDO**

A algema sufocou os tornozelos

Depois

os punhos foram envolvidos pelas argolas de metal

A boca questionava o motivo

A cabeça descoberta de capacete queria respirar

O pescoço foi-se apertando no ângulo
agudo do cotovelo do mata-leão

Foram lhe pressionando a existência

Fazendo-a caber no porta-malas

Nem que fosse pra lhe quebrar as pernas

Apertavam

O corpo expandia

[...]

;

Reverteram a tática

Dali de perto, dava pra ver

Filmaram

[mais um genivaldo virando fumaça]